

Mundos em Abismo: Notas sobre Saudade e Melancolia em Joaquim Nabuco e Gilberto Freyre

Marcelo DIANA (IUPERJ)¹

Resumo:

A proposta da comunicação será investigar as relações tecidas entre a escrita política e a escrita literária no Brasil, tomando como pressuposto fundamental para este exame a dimensão estética que identificaria uma escrita política à poética, ainda que guardadas as suas singularidades e proporções. A aposta é, então, a de que a escrita política habita o campo das artes no ponto singular da sua expressão estética, isto é, enquanto escritura ou experiência literária. Para tanto, escolho como “interlocutores exemplares” dessa empreitada estética e política as obras de Joaquim Nabuco e de Gilberto Freyre, ambos autores de política e de literatura. A comunicação se ocupará em examinar o lugar de inscrição do literário no plano das obras de Nabuco e Freyre e levantar um exame para a sua articulação junto ao signo da política, detalhando, no conjunto da obra dos dois autores recifenses, escritores de mundos em transição, a recuperação, via escritura, de mundos culturais, políticos, sociais etc. que a experiência estética poderia reanimar. A melancolia e a saudade representariam o par de signos privilegiados pelos autores para as suas respectivas inscrições literárias, expressando a um só tempo sentimento individual que é coletivizado por meio das suas escrituras, e é com relação a nelas que a comunicação se detalhará.

Palavras-chave: história do Brasil, sociologia brasileira, imaginação sociológica, estética, patriarcalismo

Numa terra radiosa vive um povo triste. Legaram-lhe essa melancolia os descobridores que a revelaram ao mundo e a povoarem.

Paulo Prado. Retrato Brasil

... e o que o português sente é uma saudade imensa de um futuro melhor.

Fernando Pessoa. Fragmentos escritos para o livro ‘Da Ditadura à República’

Um começo sem-cerimônia e astuto para o presente artigo: o que Paulo Prado e Fernando Pessoa, poetizando a dor da ausência, do luto, da saudade e da melancolia em princípios do século XX, um no Brasil o outro em Portugal, teriam o que haver como pensadores de mundos históricos e sociais atualmente? A tristeza que despontava na colonização portuguesa seria já, de alguma forma, pressentida por uma “saudade imensa de um futuro melhor” que de alguma maneira informaria boa parte da tradição de intérpretes do Brasil? O que dizer destes dois sentimentos – saudade e melancolia –, e com eles a sua sociologia, no desenrolar da história que se pretende, por diferentes autores, contar sobre o Brasil? O que os portugueses, de fato, teriam legado e deixado no Brasil como obra de sua colonização? É com relação a este feixe de questões que este texto vai se aventurar. Questões que serão refletidas tomando-se em conta Joaquim Nabuco, especialmente em *Minha Formação*, e Gilberto Freyre com o seu clássico ensaio *Casa-grande & senzala* e também *Sobrados e Mucambos*. A escolha dos dois autores, embora casual, pode ser explicada pela posição ocupada por am-

bos, não apenas na tradição intelectual do Brasil, como também no âmbito da ensaística e da literatura brasileiras.

O que se pretende com os dois autores consiste em apresentar as incursões poéticas, de Nabuco e Freyre, na recriação e na reanimação de mundos ou decadentes ou quase já inexistentes no nosso século XX. A aposta é a de que por meio da estética e da imaginação poética, os nossos autores parecem ter logrado com algum êxito a invenção de mundos e a criação de sentidos sobre o que, se visto apenas pelo olhar sociológico-explicativo não expressaria com **intensidade** desejada o argumento de explicação social e histórica. Dessa maneira, o recurso à imaginação e à construção estética do texto parece em Nabuco e Freyre fazer com que o argumento e o objeto de reflexão dos dois ganhem vida e forte expressão – tal como uma tela impressionista.

Por isto, como um primeiro ponto, frisemos isto: falar de sociologia e de sociólogos de alguma maneira é falar das suas incursões a sentimentos e produções de mundos decompostos em literatura ou escritura. A depender do autor, do seu desenho e traço, pode-se dizer que a ciência social se expressa nos textos, artigos, discursos, manifestos e no conjunto da sua melhor obra como uma tela na qual são pincelados e gravados mundos sociais. Para isso, menos que borrar as fronteiras entre o universo da teoria social ou antropológica e aquele das ficções cotidianas e plásticas que compõem um universo de letras, seria importante compreender, como ponto facultativo, os apoios morais que parecem prever e animar esta escrita – sociológica e mais amplamente literária.

Parafraseando Antonio Candido, poderíamos dizer que assim como as Ciências Sociais, tomando como exemplo a sociologia de Gilberto Freyre, buscam e em alguma maneira detêm uma graduação científica, isto, por outro lado, não incompatibiliza o entendimento da sua disciplina no universo nacional de escritos literários. Neste caso seria de todo modo interessante – uma vez constatada a recorrência ensaística que predominou desde o século XIX nos escritos políticos e sociais da inteligência brasileira – compreender os limites e os movimentos de distinção que animaram a separação da crítica literária da reflexão científica ou sociológica **de** Brasil. Para mim, pouco parece que uma e outra tenham de fato assumido fortes assimetrias, senão a partir da institucionalização das Ciências Sociais entre nós, já a partir da década de 1940. Dessa maneira, fica a suspeita de que até este período caminhava de maneira muito próxima a escrita crítica daquela outra mais politizada e social de ensaística nacional. Ou seja, juntamente com uma literatura nacional, poderíamos estender também o manto da imaginação social, ou nacional, de modo a incluir as chamadas disciplinas acadêmicas e científicas ao conjunto da literatura local, pelo menos até essa época.

É dessa maneira que Joaquim Nabuco e Gilberto Freyre serão representados aqui neste artigo. Uma representação que tente visualizar as suas respectivas rubricas intelectuais ligadas àquela casta, recentemente divulgada e consagrada, de intérpretes do Brasil. Observar o intelectual como intérprete abre espaço para uma análise dos seus textos e falas não apenas pelo critério da verossimilhança com um mundo exterior, porém pelo percurso imaginativo pelo quais as suas interpretações passam e são capazes de tocar.

Assim, como caminhantes no percurso da história e da sociedade brasileira, Joaquim Nabuco e Gilberto Freyre engatam a estes tempos – sociológico e histórico – uma alça imaginativa da qual pretendo me ocupar. Nos dois autores esta imaginação é intentada não apenas pelo recurso através da história – como narrativa que enreda o passado e a memória no presente – porém também pela criação de sentidos – ficcionais e sociais, históricos e subjetivos – junto à escritura. Muitas vezes estes elementos distribuídos entre a ficção e a história, organizados em artigos locais ligados a um enredo social abrangente que os amplia, aparecem amarrados ajuntados pelo fio da **imaginação**, da **plasticidade** – sendo a primeira de maior recorrência em Nabuco, enquanto a segunda já aparece em Freyre como tópica de entendimento crucial para a sociedade brasileira.

Para falar primeiro de Gilberto Freyre, pode-se reconhecê-lo por seu trabalho em fronteira interdisciplinar: antropologia, sociologia, história, crítica literária, estudos culturais e, em casos mais

particularizados, biologia, psicologia, geografia e arquitetura são alguns lugares pelos quais o autor passou sua obra. De fato, de maneira às vezes solta e apenas aparentemente desleixada, este conjunto de disciplinas faz seu registro nas obras do autor de maneira quase equânime, isomórfica. Isto fica um pouco mais evidente dada a maneira própria com que Freyre abria os seus livros – que apesar de volumosos eram sempre referidos como ensaios –, o que confirma em alguma medida a tese de que à sociologia de Freyre – no seu aspecto mais forte, de ciência e de explicação – deve-se estar atento para o aspecto ensaístico e estético que a sua escritura desenvolve. Este aspecto ensaístico aproxima a reflexão gilbertiana da arte: na medida em que traz os elementos característicos dessa forma de escrita, como a preferência pela analogia e pela associação, pelo concreto ao invés do puramente conceitual, pela repetição e circularidade abrindo mão da progressão lógica na construção do argumento, além da espontaneidade e da incorporação de uma retórica oral e subjetiva ao invés da tratadista na composição da sua narrativa, todos estes elementos presentes na obra do autor.

Não podemos deixar também de notar a presença de alguns clássicos da filosofia e das ciências humanas, em geral, na folha de leitura de Gilberto Freyre. Georg Simmel, Nietzsche e Max Weber, além evidentemente do seu mestre em Columbia, Franz Boas, são autores fundamentais para a armação das reflexões sobre a civilização brasileira por Freyre, no período da sua formação acadêmica. Também alguns importantes escritores de ficção como Musil, Proust e mais especialmente a história íntima dos irmãos Goncourt deixaram suas marcas evidentes na escrita de Freyre. Neste cruzamento geral, as reflexões sociológicas ou antropológicas do autor estão de mãos dadas com o cânone literário ocidental.

A partir desse ponto, parece ser de bom interesse introduzir a questão que incentiva o presente artigo, qual seja: a relação que sentidos históricos passados desempenham na narrativa de Nabuco e Freyre, a desenharem uma determinada estética da saudade e da melancolia na escritura de ambos os autores. Por desconfiar que nos percursos da imaginação histórica ajuntem os autores um fio de sentimento ou criação moral ao que se deseja contar, a saudade e a melancolia podem se constituir, com efeito, como laços através dos quais a história se cruza com o sentido da memória, em que o social deixa-se entrevisto, na sua abertura sociológica, para uma outra dimensão poética sobre o não-realizado, acerca do esquecido e do arruinado. A saudade e a melancolia seriam mais que representações da história, pois então aparecem nos dois autores como um sentido relativamente próprio para a interpretação da história.

Um primeiro ponto que nos interessa neste momento, portanto, antes de investir na busca de sentidos morais em ambos os autores, é o de perguntar ao tipo de recurso artístico – ou para ficar com expressão de Hayden White (2001), que tipo de “artefato literário” ambos os autores lançam mão para realizar as suas interpretações *de* Brasil. Considerando Brasil como um nome a partir do qual a imaginação desses autores dedica-se, realizar uma crítica literária e sociológica das suas interpretações é deixar em evidência que Brasil somente ganha sentido nesta interpretação, na sua aventura e conjugação enquanto nome. Que a despeito da existência concreta e material de formas sociais, são as interpretações que lançamos sobre este material simbólico que nos fornece algum solo pátrio. Recuperando White, como artefato literário, as interpretações de ambos os autores denunciam que o elemento ficcional interage no mesmo sentido em que o plano histórico ou social o age. Isto quer dizer que o criativo é ferramenta ao mesmo tempo de entendimento e de escrita nestes autores, cabendo então à imaginação tornar presente algo que então se mostrava ausente para análise.

Nesta relação entre imaginação social e ensaio de história, pode-se pensar que vários são os fios disponíveis e possíveis para o alinhar dessa relação entre o estudo científico e o remate artístico. Pode-se fazê-lo por meio da evolução de alguns traços e impressões sobre o nosso nacionalismo, ou do sentido progresso que um determinado evento inaugurou, ou mais ainda, como seria o caso dos nossos autores recifenses, da recriação de mundos arruinados a partir do ensaio. Esta recriação assume o tom nostálgico da rememoração – como a denunciar, no limbo do saudosismo e da

sua melancolia, a derrocada de um mundo no instante de emergência de um outro novo. Como escritas em abismo, a imaginação de Nabuco e Freyre inscrevem nos seus textos um sentido perdido que procura alucinadamente no baú da história uma **intimidade** que, a partir de um certo momento e por um determinando evento que para sempre explicarão, já não encontra no presente o seu espaço de exposição.

Nesse sentido parece ser de forte eloquência a imagem que Nabuco constrói acerca da relação entre o Velho e o Novo Mundo, especialmente na definição das identidades nacionais no século XIX. Esta imagem vem para desmentir que os **sentidos presentes** estão desde sempre fixos e arrematados no mundo, e que a imaginação histórica é tão ou quase tão relevante na definição de um povo quanto a sua condição material. Assim, Nabuco expressa a diferença e a contraposição entre a Europa e o Brasil:

Nós, brasileiros – o mesmo pode-se dizer de outros povos americanos – pertencemos à América pelo sedimento novo, flutuante, do nosso espírito, e à Europa, por suas camadas estratificadas. Desde que temos a menor cultura, começa o predomínio destas sobre aquele. A nossa imaginação não pode deixar de ser européia, isto é, de ser humana... (NABUCO, 49. 2004)

Ora, não parece ser de todo estranho que a imaginação estivesse ligada ao elemento externo, ao europeu ausente do solo pátrio, enquanto à figura do Brasil, como contrapartida ao seu desenredo próprio, estaria grafada como um povo preso a marcas ausentes. Assim parece demonstrar Nabuco, ao continuar o seu argumento:

Estaríamos assim condenados à mais terrível das instabilidades, e é isto o que explica o fato de tantos sul-americanos preferirem viver na Europa [...]: é a atração de afinidades esquecidas, mas não apagadas, que estão em todos nós, da nossa comum origem européia. A instabilidade a que me refiro provém de que na América falta à paisagem, à vida, ao horizonte, à arquitetura, a tudo o que nos cerca, o fundo histórico, a perspectiva humana; e que na Europa nos falta a pátria, isto é, a fôrma em que cada um de nós foi vazado ao nascer. De um lado do mar sente-se a ausência do mundo; do outro, a ausência do país. O sentimento em nós é brasileiro, a imaginação européia. (NABUCO, 49. 2004)

Também em uma das obras de maior repercussão e originalidade de Freyre – *Casa-grande & senzala* –, publicada em 1933, já é possível encontrar a marca da ausência que animaria a escrita do autor. Assim se refere Freyre, logo no prefácio à 1ª edição do livro:

Em outubro de 1930 ocorreu-me a aventura do exílio. Levou-me primeiro à Bahia; depois a Portugal, com escala pela África. O tipo de viagem ideal para os estudos e as preocupações que este ensaio reflete. (FREYRE, 43. 2001)

Nesta imagem e realidade de exílio, Freyre carrega intensidade à virtude do deslocamento, como maneira de enxergar o outro familiar, o seu próximo. Elemento posteriormente retomado por outros ensaios importantes e significativos na década de 1930 – basta-nos lembrar do ensaio de Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, publicado em 1936 cujo incentivo generoso de Freyre para a sua publicação parece demonstrar uma certa afinidade entre ambos, no mínimo, para a aventura – a alteridade entre Europa e Brasil seria uma constante nesta reflexão ensaística. No ensaio citado de Sérgio Buarque recupera-se a idéia do exílio, porém na imagem de que seríamos “destratados em nossa terra”. Recorro à citação completa no autor:

A tentativa de implantação da cultura européia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico de consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas idéias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. (HOLANDA, 31. 1995)

Esta imagem do desterro – de uma terra sem chão, como grão de areia – parece se identificar com aquela do exílio anunciada por Gilberto Freyre no prefácio à sua obra. Exílio e desterro, dessa maneira, encontram na rememoração do passado o seu ponto de apoio e a sua aventura, permitindo que ambientes arruinados ressurgam junto à emergência do novo. A saudade e a melancolia são pares dessa reanimação histórica, de busca e lançamento dos seus sentidos, pois com estes sentimentos a história que se pretende cobrir não é apenas a do olvidado, mas figura-se acentuadamente junto à coexistência dos seus ausentes.

Com efeito, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda foram dois dentre um leque mais variado de autores que se apresentavam na cena pública brasileira para os debates de nacionalismo e sobre a busca de uma autêntica cultura nacional nos anos de 1920 e 30 através dos seus ensaios. Por isso, sendo seus textos passíveis de leitura tanto no campo das ciências sociais, quanto no da ensaística histórica ou da literatura nacional, eles atuaram como importantes intérpretes de Brasil. Isto quer dizer que para os dois autores, a interpretação da história seria o meio e o processo pelo qual, através de pesquisas e de estudos das tradições passadas, se encontraria o Brasil profundo e distinto daquele até então conhecido apenas superficialmente pelas camadas letradas imperiais. Existe nos dois autores uma crítica ao academicismo ou à importação de fórmulas estrangeiras para a interpretação da sociedade brasileira, e não seria de todo exagero apontar em ambos um sentido de vanguarda, como a definiríamos nos nossos tempos modernos. Contra o academicismo que buscava nas teorias estrangeiras um conforto, de modo a acomodar a realidade brasileira no painel de aspirante civilização junto às grandes nações, Freyre e Sérgio Buarque sinalizavam para a necessidade de se conhecer o outro Brasil, a partir do qual se deveriam buscar as raízes do país. Esta busca está inscrita na própria escrita de ambos.

Nesta chave, e mais nostálgico que Sérgio Buarque, talvez por isso mais prolixo, Gilberto Freyre apostava na contribuição positiva que a civilização brasileira, enquanto civilização dos trópicos, teria a oferecer no espectro das grandes nações. Pensar esta originalidade brasileira nostálgica seria a primeira tarefa da sua interpretação do país. Pensando sob um antagonismo de forças (ARAÚJO, 2005), Freyre consagrou à sociedade colonial a época áurea e a origem dos possíveis planos de uma autêntica civilização brasileira. No seu entendimento, a passagem do tempo, juntamente com a projeção de uma modernidade urbana sem a devida previsão, desatadora dos antigos laços comunitários entre senhores e escravos, traria para o Brasil uma dificuldade em se reconhecer e de compreender a sua contribuição enquanto autêntica nação tropical.

A história de uma sociedade dividida e hierarquizada, autocrática e expansiva encontrou na fórmula de Gilberto Freyre, condensada no “luxo de antagonismos” entre a casa-grande e a senzala a sua mais bem acabada expressão. Isto porque, também para a época Imperial, que coincide, em linhas gerais, com a crescente importância das cidades do Sul sobre as atividades do Norte e do Nordeste na colônia – sendo ainda o interior do Brasil uma região praticamente inexplorada –, Freyre observou a substituição do *cosmos* das casas-grandes pela recente gravidade que atraía para o seu centro os sobrados e a emergência de uma vida urbana na entrada do século XIX. Junto à nova arquitetura das cidades, junto à moderna urbanização, Freyre encontraria também as ruínas do passado da sociedade brasileira.

Assim, as observações dessas ruínas de outros tempos, complementada pela pesquisa folclórica e o recurso à memória da tradição, daria a Gilberto Freyre o caldo de cultura do qual julgava necessitar para escrever a história do Brasil. Pelo método da história, mas fazendo recurso da memória, sobretudo a oral, o autor seria acusado por Sérgio Buarque, algum tempo depois, de ter escrito “senão um só livro, ‘Casa-Grande & Senzala’. Tudo o mais seria repetição ou paráfrase do primeiro livro” (VASCONCELLOS, 2000). Independente de concordarmos ou não com a beliscada de Sérgio, fato notório é que Gilberto sempre demonstrou completo apego ao se referir à cultura patriarcal. Como sugeriu Gilberto Vasconcellos, Freyre, menino órfão e amante da sociedade patriarcal, tornou esta ausência uma constante em seus textos.

A demolição da arquitetura patriarcal junto com a sua substituição pela vida nos sobrados urbanos tornou-se ponto de estudo para a reflexão de Freyre. Como que armando a sua própria arapuca, no exato momento em que a decadência do estilo patriarcal se fez mostrar no Brasil, o autor dirigiu-se para ela, com referência à sua história e ao testemunho da sua época, com um quase-livro de memória – *Casa-grande & senzala, Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso* são exemplares disso, dessa sua melancolia quase de um *flâneur* da história – já que no momento de escritura do seu primeiro grande ensaio – *Casa-grande & senzala* – Freyre ainda redigia sob a força dessas transformações, no tempo em que uma “arquitetura moderna brasileira” era apenas ponta de lança nos gabinetes e nos rascunhos sobre a mesa da vanguarda.

Sérgio Buarque, embora concorde com Freyre na sua descrição acerca da decadência da arquitetura patriarcal – entendida esta como um instante da sociedade brasileira em sua história –, percebe que junto dessa decadência estão sementeas, em germens, algumas possibilidades de mudanças históricas. Ou seja, ainda que aceite que a dissolução da sociedade patriarcal implicava em mudanças de hábitos, assim como uma nova combinação entre a palheta local e as tonalidades estrangeiras, Sérgio destoa, contudo, do autor de Recife quanto à visão pela qual isto se ligaria ao futuro da nação. Observação curiosa essa, pois ela vem como que para demonstrar que uma mesma história permite ser contada em sentido diferente **duas vezes**, de modo que, como a denunciar os respectivos artefatos literários dos autores, o que em um significa decadência, no outro estará entrevisto o sentido de uma celebração. À saudade de Gilberto Freyre contrapõe-se a consumação de Sérgio Buarque.

Se em Freyre esbarramos na melancolia e no método da saudade como retórica para reanimar o tempo perdido, com Sérgio Buarque o passado será, menos que tempo morto, um tempo que não passa (VECCHI, 2004). Daí a asserção transformadora de Sérgio Buarque, ao final do seu livro, indicando que a revolução brasileira – ou seja, o salto de polichinelo para a nossa entrada, de fato, na modernidade –

“nunca se consumará enquanto não se liquidem, por sua vez, os fundamentos personalistas e, por menos que pareçam, aristocráticos, onde ainda assenta nossa vida social. Se o processo revolucionário a que vamos assistindo [...] tem um significado claro, será este o da dissolução lenta, posto que irrevogável, das sobrevivências arcaicas, que o nosso estatuto de país independente até hoje não conseguiu extirpar. Em palavras mais precisas, somente através de um processo semelhante teremos finalmente revogada a velha ordem colonial e patriarcal, com todas as conseqüências morais, sociais e políticas que ela acarretou e continua a acarretar. A forma visível dessa revolução não será, talvez, a das convulsões catastróficas, que procuram transformar de um mortal golpe, e segundo preceitos de antemão formulados, os valores longamente estabelecidos. É possível que algumas das suas fases culminantes já tenham sido ultrapassadas, sem que possamos avaliar desde já sua importância transcendente. Estaríamos vivendo assim entre dois mundos: um definitivamente morto e outro que luta por vir à luz.” (HOLANDA, 189. 1995)

O que quero dizer com isso é que a retórica da saudade – longe apenas de qualificar uma retórica da perda – marca um espaço de desejo e de aventura aonde a história poderia ser contada. E alguma maneira, ela conduz a uma estética. Por isso o caráter ensaísta dos autores aqui considerados. Por incorrer esta perda em um ambiente histórico e moral – nota-se: não um ou outro, mas um e outro, isto é, uma perda que é qualificada tanto histórica como moralmente –, é que se faz possível aferir dela um valor que atribui sentido ao mesmo tempo em que explica uma situação.

Assim, a melancolia dos tempos patriarcais que Gilberto narra, mesmo em seu matiz alegre e doce, tem contudo como que a função de descrever e comentar a sua **história**. Nem absolutamente desapareção, nem traço fora de extinção, a perda e o sentimento de saudade surgem para dar conta desse ambiente mutante descrito no livro. Esta relação, que não é pura história tampouco unicamente sociologia desmente a hipótese de que em Gilberto estaria apenas o “elogio da dominação”. Para

evitar este tipo de reducionismo, faz-se preciso atentar para a dimensão estética na qual o seu texto está construído e se arma. Uma armação que não nega os eventos, senão pretende inversamente ressaltá-los. Assim, para retomar Antonio Candido, resgatando o texto de *Casa-grande & Senzala* e de *Sobrados e Mucambos*, podemos encontrar no procedimento de exposição gilbertiana, na “plasticidade das letras” que o autor de alguma maneira almejava, impressões e marcas quase artísticas para suplementar o seu argumento social. A dimensão estética que se expressa na sua construção científica. Ou, para pensar com Candido esta armação gilbertiana entre história, sociologia e arte, é preciso levar em consideração que

quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo. [...] Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o externo se torna interno e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica. (CANDIDO, 17. 2006)

Se a crítica deixa de ser apenas sociológica para ser intensamente crítica, também assim podemos compreender que o texto deve tê-lo, em algum sentido, **consentido** está interpretação. Isto quer dizer que mesmo para a crítica – fator externo – encontrar espaço e ponto de morada no texto sociológico de Freyre, parece ter sido preciso que na internalidade desse texto habitasse algum feixe de sentido que garantisse esta sua interpretação. O que nos leva a pensar que mesmo que a crítica se amplie, junto com ela o texto também se ampliará. *Inclusive*, um oferece e demanda – como um jogo intertextual – suplemento para o outro. A crítica como que empurrando a sociologia para o ensaio, ao mesmo tempo em que o conhecimento social alinhavava um certo parâmetro interno à costura da crítica.

Passando dos ensaios de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque e recuperando já Joaquim Nabuco, encontramos na sua “saudade do escravo” esta sensação de descolamento que vínhamos caracterizando com os dois primeiros autores. Para esclarecer este ponto, vamos à citação:

Nada mostra melhor do que a própria escravidão o poder das primeiras vibrações do sentimento... Ele é tal, que a vontade e a reflexão não poderiam mais tarde subtrair-se à sua ação e não encontram verdadeiro prazer senão em se conformar... Assim eu combati a escravidão com todas as minhas forças, repeli-a com toda a minha consciência, como a deformação utilitária da criatura, e na hora em que a vi acabar, pensei poder pedir também minha alforria, dizer o meu *nunc dimittis*, por ter ouvido a mais bela nova que em meus dias Deus pudesse mandar ao mundo; e, no entanto, hoje que ela está extinta, experimento uma singular nostalgia, que muito espantaria um Garrison ou um John Brown: a saudade do escravo. (NABUCO, 162. 2004)

Este sentimento de saudade peculiar na sua expressão – **saudade do escravo** – configura a idéia de que junto à marcha histórica, atua uma força inapreensível no tempo – a força dos sentimentos – que cruzaria a história deixando nela a sua marca. Também Gilberto Freyre, na sua expressão sobre o fim do patriarcalismo, ao qual a escravidão, juntamente com a monocultura do açúcar e latifúndio formaria o triplé da sua base social, resgata de Nabuco a idéia próxima de saudade escrava. Nas palavras de Darcy Ribeiro,

Para Gilberto, uma vez forros, os negros começariam a morrer de saudade do patriarcalismo que até então amparou os escravos, alimentou-os com certa largueza, socorreu-os na velhice e na doença, proporcionando-lhes e aos filhos oportunidades de ascenso social. (FREYRE, 37. 2001)

Ao juntar as inscrições nostálgicas de Nabuco e Freyre, a imagem que temos como resultado confirma a tese de que a **saudade patriarcal** constitui um ponto a partir do qual a história do Brasil

poderia ser contada. Com isso não pretendo afirmar que ambos os autores desprezavam os avanços do moderno no mundo agrário e patriarcal então já em demolição – com as suas inovações na técnica e na ciência, juntamente com as rupturas no campo das artes e das sensibilidades –, porém que enxergavam, no caso do Brasil, como esta saudade patriarcal seria indicadora de algum sentido diferente na nossa história. Assim, a história do moderno, de pretensamente universal, tornar-se-ia local e particularizada justamente na ausência patriarcal, pela expressão de um sentimento. Uma ausência que, não nos esqueçamos, torna-se presente na sua saudade. Por meio do artifício da rememoração, da nostalgia e da melancolia a inscrever-se na história, a saudade como que vem para atualizar aquele passado recente numa armação de tornar presente um traço ausente.

A saudade configura assim uma forma própria de imaginação – social e sociológica, subjetiva e historicamente – de Brasil, um modo pelo qual escrever o Brasil será representar essa saudade, esse jogo de tornar presente o ausente. Neste ponto que podemos compreender que somente por um recurso de retórica, a estética da saudade atua como um modo de sentir e conhecer – impressionista, ensaísta, aventureiro – da sociedade brasileira; conclusão que se chega, evidentemente, se se aceita que à imaginação corresponda uma sua específica realidade.

Referências Bibliográficas

- [1] ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. (2005), *Guerra e Paz. Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. São Paulo, Editora 34.
- [2] CANDIDO, Antonio. (2006), “Crítica e sociologia” in *Literatura e Sociedade*. 9ª edição. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul.
- [3] FREYRE, Gilberto. (2001), *Casa-grande & senzala*. 42ª edição. Rio de Janeiro, Record.
- [4] FREYRE, Gilberto. (2006), *Sobrados e Mucambos*. 16ª edição. São Paulo, Global.
- [5] GOMBRICH, E. H. (1999), *A História da Arte*. 16ª edição. Rio de Janeiro, LTC.
- [6] HOLANDA, Sérgio Buarque de. (1995), *Raízes do Brasil*. 26ª edição. São Paulo, Companhia das Letras.
- [7] NABUCO, Joaquim. (2004), *Minha formação*. 14ª edição. Rio de Janeiro, Topbooks.
- [8] SANTIAGO, Silviano. (2004), “Atração do Mundo: políticas de globalização e de identidade na moderna cultura brasileira” in *Cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- [9] VASCONCELLOS, Gilberto. (2000), “Uma civilização dos trópicos”. *Folha de São Paulo, Caderno Mais!*, 12 de maio.
- [10] VECCHI, Roberto. (2001), “A insustentável leveza do passado que não passa: sentimento e ressentimento do tempo dentro e fora do cânone modernista” in BRESCIANI, Maria Stella e NAXARA, Márcia (orgs.), *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. São Paulo, Editora UNICAMP.
- [11] WHITE, Hayden. (2001), “O texto histórico como artefato literário” in *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. 2ª edição. São Paulo, EdUSP, p. 97-116.

¹ **Marcelo DIANA, Doutorando Ciência Política**

Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ/UCAM)
mdiana@iuperj.br